

MULHER MOÇAMBICANA DEVE PARTICIPAR NA LUTA DE CLASSES E NA PRODUÇÃO

— PRESIDENTE SAMORA MACHEL EM MENSAGEM AO PAÍS ALUSIVA AO "7 DE ABRIL"

O Presidente da FRELIMO e da República Popular de Moçambique, Samora Machel, proferiu ontem à noite uma mensagem ao País, alusiva ao Dia da Mulher Moçambicana, a qual é do seguinte teor:

Moçambicanas Moçambicanos

Celebramos hoje o Dia da Mulher Moçambicana na nossa Pátria independente, na Pátria libertada pelos sacrifícios e pelo sangue das mulheres e homens de Moçambique.

Este é um momento de legítimo orgulho para a Nação moçambicana, para a classe trabalhadora e especialmente para a mulher.

Em nome do Comité Central da FRELIMO, em nome do povo e da República Popular de Moçambique, saudamos a mulher moçambicana do Rovuma ao Maputo, que lado a lado com o homem edificou, livre e próspera, a nossa Pátria de operários e camponeses.

Saudamos os combatentes do Destacamento Feminino das Forças Populares de Libertação de Moçambique que, forjadas e temperadas na fogueira da Guerra Popular de Libertação, se transformaram na vanguarda organizada do combate da mulher.

Saudamos as operárias e camponesas moçambicanas, que, combinando a sua inteligência e mãos, com os homens seus irmãos de classe, criam os bens materiais, a riqueza da nossa Pátria e edificam a Democracia Popular.

Saudamos as funcionárias, as empregadas, as professoras, as enfermeiras as técnicas, que, nos diferentes campos de trabalho, ao nível do Estado, dos serviços, do aparelho económico e social, activamente contribuem para a prosperidade da Pátria.

Saudamos as alunas e estudantes que combatem na frente da ciência, pela vitória do progresso.

Saudamos todas as mulheres, na sua missão de combatentes, trabalhadoras, mães, esposas, educadoras das novas gerações, criadoras dos Continuadores da Revolução.

Este é o Dia, em que colectivamente, mulheres e homens, todos nós em conjunto, repensamos a batalha em que está empenhado o sector mais explorado e oprimido da nossa sociedade.

No dia de hoje evocamos o sacrifício da mulher, o sangue da mulher, a contribuição imensa da mulher, para que sejamos aquilo que hoje somos.

É um momento em que relembramos com ódio os crimes que o feudalismo, o capitalismo e o colonialismo, cometeram contra a nossa mulher.

É um dia em que mulheres e homens, devem examinar a fase que atingimos no processo da libertação da mulher. Sabemos que obstáculos se encontram na nossa via: compreendemos e distinguimos as suas causas, tanto aquelas que resultam da tradição feudal, como aquelas que provêm dos mecanismos próprios à sociedade colonial-capitalista: há ainda os que são fruto de complexos e ideias erradas inculcadas à mulher, assim como os que são uma consequência do egoísmo, da brutalidade, do desprezo, dos complexos inculcados ao homem.

Ao analisarmos os obstáculos principais que se apre-

sentam neste momento, encontramos várias categorias essenciais.

Além da opressão geral a que o feudalismo e o capitalismo submetem os moçambicanos, a mulher foi e continua a ser, vítima de uma discriminação e opressão particulares. Na sociedade tradicional e mais tarde na sociedade capital-colonialista, a mulher constituía um ser desprezado, sem direito a opinião nem a palavra, explo-

mas; invoca a qualidade de mulher para a discriminar, embora a sua produtividade seja igual à do homem em muitas tarefas.

Foi pois para melhor explorar a força de trabalho da mulher, que a sociedade feudal-tradicional e capital-colonialista torçaram a concepção da inferioridade da mulher. Claro que, para manter essa concepção foi preciso recorrer a vários métodos, em par-

te, da libertinagem e dos desvios sexuais, da droga e do alcoolismo.

Devemos reconhecer que este tipo de vida e de valores contaminou ideológica e moralmente as camadas urbanizadas, sobretudo da pequena e média burguesia no nosso país e que, por isso é que é necessário desencadear um combate resolutivo e impiedoso contra tal mentalidade.

É frequente assistir-se, sobretudo nas zonas urbanas ao

Todas as sociedades exploradoras utilizam como elemento essencial da sua estratégia de dominação, a divisão das vítimas.

Na sociedade tradicional-feudal esta divisão opera-se ao nível de grupos étnicos, linguísticos, grupos tribais e regionais, classes de idade ritos de iniciação, etc....

O sistema colonial-capitalista além de utilizar os seus instrumentos habituais de tribalismo, regionalismo e racismo, explora outras tácticas divisionistas. Assim as mulheres embora igualmente dominadas, serão divididas em função da religião, do grau de ensino, da sua capacidade em utilizar a língua portuguesa, da sua integração no meio da civilização decadente estrangeira.

Impõe-se pois reforçar a unidade no seio das mulheres. Impõe-se igualmente reforçar a unidade da mulher e do homem no combate pela emancipação da mulher, parte integrante do combate de toda a sociedade por um mundo justo, um mundo de liberdade.

Moçambicanas Moçambicanos

A anulação dos obstáculos importantes que se en-

contram na via da emancipação da mulher, ajuda-nos a compreender a envergadura da batalha presente.

Durante o processo da luta de libertação nacional, a guerra popular agiu como um catalizador poderoso na agudização das contradições entre a mulher e a sociedade de classes, um catalizador poderoso ainda, na tomada de consciência da mulher sobre a sua situação, a necessidade do seu combate e os meios do combate.

As combatentes do Destacamento Feminino que desempenhavam as suas tarefas em diversas regiões do país independentemente do seu lugar de origem, que participavam activamente no estudo e resolução dos problemas quotidianos das massas, que se empenhavam no processo colectivo da produção dos bens materiais, que destruíam no combate armado o inimigo físico, que eram continuamente chamadas a discutir e trocar experiências, a sintetizar as experiências, adquiriram rapidamente uma visão correcta da dimensão do país e da luta, uma visão

nacional, uma visão de classe. Combatendo para a libertação do povo, as mulheres libertaram a sua inteligência e iniciativa. Na libertação começaram a libertar-se.

Estamos agora numa outra fase do nosso combate: edificamos actualmente a Democracia Popular, o poder da aliança operário-camponesa, estamos a construir a base económica, social, cultural, científica da nova sociedade.

Estamos empenhados na luta contra o sistema capitalista no plano interno, e contra o sistema imperialista no plano externo. Somos uma das bases revolucionárias da luta dos povos e classes oprimidas, somos uma base de apoio da luta de libertação nacional do povo irmão do Zimbabué.

Neste novo contexto que devemos situar o desenvolvimento do combate pela emancipação da mulher.

Um novo e poderoso instrumento surge para acelerar o nosso combate.

Temos a luta de classes. Temos a produção colectiva de bens materiais. É necessário que a mulher participe activamente nestes dois campos.

É preciso que mulheres e homens nas fábricas, nas aldeias comunais, nas cooperativas, nas repartições, nas fir-

casão e mobilização das massas

— treinar e enquadrar as milícias populares

— participar activamente no processo da produção do sector a que for afectado

— elevar o nível dos conhecimentos científicos e técnicos participando no processo de produção

— engajar a luta de classes do sector, dinamizar a luta de classe.

Igualmente importa que as combatentes do Destacamento Feminino quando afectadas, participem activamente na acção da OMM e dos Grupos Dinamizadores locais. Durante o período de treino e como parte dele, combatentes do Destacamento Feminino deverão ser integradas em actividades da OMM, sendo para isso afectadas temporariamente em diversos sectores de actividade da OMM, nas diferentes províncias, nos diferentes locais de trabalho e residência.

A OMM por sua vez carece de uma dinamização interna para a habilitar ao cumprimento das tarefas actuais.

Assim, por exemplo, verificamos que se tem realizado muitas reuniões em que se tem discutido problemas importantes da mulher em todo o País. Porém, as conclusões dessas reuniões não são levadas à prática, como deveriam ser, porque não existe continuidade no trabalho, porque não existem estruturas dinâmicas e operativas capazes de aplicar as decisões e controlar a sua aplicação.

Para resolver este problema a OMM deverá ser dotada de estruturas próprias da base ao topo, que dividam as tarefas, permitam uma colectivação e democratização do trabalho. A OMM deve integrar todas as mulheres, deve sobretudo, organizar a mulher mais desorganizada, mobilizar a mulher que mais afastada se encontra da vida política. Ela prepara as futuras militantes e quadros do Partido, as militantes da reconstrução nacional.

A VIII Sessão do Comité Central da FRELIMO ao analisar as carências no funcionamento da OMM e a perspectiva da preparação nacional para o III Congresso da FRELIMO, decidiu que se deveria realizar a II Conferência da Organização da Mulher Moçambicana.

A II Conferência da OMM deverá ter lugar antes do III Congresso. A II Conferência deverá estudar por um lado, os problemas próprios da mulher moçambicana e, em particular, os obstáculos à sua libertação total. Ao mesmo tempo, deve estudar qual a contribuição que deve dar a mulher moçambicana para a reconstrução nacional e a criação da sociedade nova no nosso País, sem a qual não é possível a verdadeira e completa libertação da mulher. Igualmente a II Conferência deverá emitir declarações sobre as estruturas da OMM, e preencher essas estruturas com quadros democraticamente designados.

Depois de terminado o período de preparação política

— militar, unidades do Destacamento Feminino deverão operar nas fábricas, nas aldeias comunais, nos transportes, nas empresas agrícolas, nos hospitais, nas escolas, nas faculdades, nas povoações, nos bairros comunais com a missão de:

— participar na organiza-

ção e mobilização das massas

— treinar e enquadrar as milícias populares

— participar activamente no processo da produção do sector a que for afectado

— elevar o nível dos conhecimentos científicos e técnicos participando no processo de produção

— engajar a luta de classes do sector, dinamizar a luta de classe.

do, os problemas próprios da mulher moçambicana e, em particular, os obstáculos à sua libertação total. Ao mesmo tempo, deve estudar qual a contribuição que deve dar a mulher moçambicana para a reconstrução nacional e a criação da sociedade nova no nosso País, sem a qual não é possível a verdadeira e completa libertação da mulher. Igualmente a II Conferência deverá emitir declarações sobre as estruturas da OMM, e preencher essas estruturas com quadros democraticamente designados.

Para preparar a II Conferência, e situando-se nas tarefas dessa Conferência, ao nível dos distritos e depois das Províncias deverão realizar seminários de trabalho da OMM.

Os Seminários e reuniões a realizar devem estudar as conclusões das reuniões que já tiveram lugar, do modo a beneficiar do trabalho já realizado e garantir a sua continuidade.

Moçambicanas Moçambicanos

O combate da mulher é o combate do povo inteiro e da classe trabalhadora moçambicana por uma sociedade nova, é um combate decisivo em que a libertação da mulher a todos nos liberta, em que a libertação da mulher cria as condições para a formação política, cultural, mental e física de novas gerações de verdadeiros Continuadores da Revolução.

A liberdade não é uma esmola, a liberdade não é um favor, a liberdade não é uma concessão.

A liberdade é uma conquista, um esforço de construção, a liberdade é sempre o produto dum combate contra a opressão.

Neste 7 de Abril de 1976, neste dia da mulher moçambicana que pela primeira vez celebramos com a Pátria independente, busquemos no exemplo de vida e combate das camaradas que se sacrificaram, uma fonte permanente de estímulo, coragem e inspiração.

Busquemos na memória e na vida de Josina Machel, na memória e na vida de inumeráveis mulheres, que no combate armado, nas prisões, nas missões anónimas da clandestinidade, na acção paciente e dura de transporte do material, de produção, em toda a parte, com os sacrifícios e o sangue fizeram de nós o que hoje somos.

Inspirados no seu exemplo apliquemos com entusiasmo a palavra de ordem da VIII Sessão do Comité Central:

Desencadear a ofensiva política e organizacional na frente da produção.

Viva o Dia da Mulher Moçambicana

Viva a FRELIMO

Viva a O.M.M.

A Luta Continua.

Combatendo para a libertação do povo, as mulheres libertaram a sua inteligência e iniciativa. Na libertação começaram a libertar-se. Estamos agora numa outra fase do nosso combate: edificamos actualmente a Democracia Popular, o poder da aliança operário-camponesa, estamos a construir a base económica, social, cultural, científica da nova sociedade. Estamos empenhados na luta contra o sistema capitalista no plano interno, e contra o sistema imperialista no plano externo. Somos uma das bases revolucionárias da luta dos povos e classes oprimidas somos uma base de apoio da luta de libertação nacional do povo irmão do Zimbabué.

É neste novo contexto que devemos situar o desenvolvimento do combate pela emancipação da mulher.

Um novo e poderoso instrumento surge para acelerar o nosso combate.

Temos a luta de classes. Temos a produção colectiva de bens materiais. É necessário que a mulher participe activamente nestes dois campos.

rada sem salário e sujeita a todo o tipo de arbitrariedades ao nível da família.

Esta situação de discriminação e opressão da mulher era conseguida com a ajuda do próprio homem que, embora ele próprio dominado e colonizado, ou por causa disso mesmo, sentia a necessidade de oprimir outras pessoas. O oprimido, quando a sua consciência não está clara, procura sempre oprimir alguém. A contradição principal, irredutível, entre o sistema de exploração e a mulher, dá lugar a uma contradição secundária, resolúvel entre o homem e a mulher. Devemos situar correctamente este tipo de contradição, a fim de definir correctamente o inimigo, e não confundir os alvos.

Nas suas costas, carrega há séculos a mulher, os rochedos ásperos, duros e esmagadores do colonialismo, do feudalismo, do capitalismo, e do comportamento reaccionário do seu companheiro.

A sociedade de classes concebeu a mulher como produtora de riquezas, e produtora de novos trabalhadores.

As técnicas mais primitivas do feudalismo levaram o sistema a integrar a mulher no ciclo de produção, enquanto trabalhadora gratuita. A via encontrada foi a da poligamia. E esta concepção que está na base de práticas degradantes: o lobolo é essencialmente a aquisição duma trabalhadora que produzirá mão-de-obra, por isso mesmo a mulher estéril pode ser repudiada, e se exige a devoção do lobolo; ou então, que uma outra mulher da mesma família venha ter filhos em seu nome. Por isso mesmo, em caso de morte do marido, tal como um meio ou instrumento de produção, ela pode ser herdada.

As técnicas superiores do capitalismo requerem uma maior qualificação do trabalhador, uma enorme concentração de muitos milhares de trabalhadores, que já não podem ser obtidas simplesmente através da poligamia.

A via do capitalismo é pois, de comprar a força de trabalho, através do salário irrisório que serve para manter a força de trabalho. Na sua ganância exploradora, o capitalismo arranja pretextos para lhe pagar menos para obterer-lhe um salário inferior ao dos seus colegas ho-

mulher, o obscurantismo e a ignorância.

Assim como o conhecimento e a ciência são instrumentos essenciais de todo o combate de libertação, assim também o obscurantismo e a ignorância, são irmãos gémeos da superstição, da resignação perante a opressão a passividade. Por outro lado, as crenças mais absurdas, em qualquer sociedade, encontram um terreno fértil na mulher dominada e ignorante.

Através da ignorância e do obscurantismo, consegue-se obter a passividade e a resignação da mulher, assim como, inculcar-lhe numerosos complexos que convencem a mulher da sua própria inferioridade.

O conservadorismo da mulher é, pois, o resultado directo da sujeição mental que lhe impõe a ignorância e o obscurantismo.

Um aspecto particular das concepções e valores opressivos em relação à mulher, e que reforça o seu papel passivo na vida social, surge com a sociedade capitalista. O capitalismo vê na mulher, além dum produtor, um consumidor. Igualmente o capitalismo explora o corpo da mulher, como estímulo para o consumo, para a publicidade.

Neste contexto que se integra o esforço capitalista de transformação da mulher num objecto de adorno, sujeita a caprichos e variações duma moda que frequentemente alinge o ridículo e absurdo. Este aspecto é agravado pelas estruturas coloniais do nosso país, que fazem com que, as modas vigentes sejam inteiramente estrangeiras, profundamente despersonalizadas.

Concebida como objecto de adorno pelo capitalismo, a mulher é ainda tratada como objecto sexual. A degradação da mulher pelo capitalismo atinge a baixíssima, com a utilização comercial do corpo nu da mulher tal marca de cigarros, ou rádios, tal marca de fósforos ou discos, de detergentes ou pastas dentífricas, procurará estimular as suas vendas, associando o produto a visões de mulheres seminuas ou nuas.

Nesta comercialização da mulher e do sexo, transformado em objecto de consumo duma sociedade decadente que devemos ainda situar o surto de negócios no campo da pornografia, da prostitui-

trise espectáculo de mães de família que abandonam o lar para se embriagarem. A subida do poder de compra das classes trabalhadoras, por vezes, só se exprime pelo au-



Através da produção a mulher liberta-se e adquire a igualdade de direitos e deveres, bem como a consciência de classe que lhe permitirá participar activamente na luta pela construção de uma sociedade justa

mento do consumo de álcool.

A embriaguez conduz, com muita facilidade, a costumes indignos e infames. Em consequência da embriaguez, mães de família caem no adultério e até por vezes, em formas encobertas de prostituição.

A prostituição encoberta manifesta-se ainda em locais de trabalho, onde alguns responsáveis conseguem, graças à sua posição de autoridade e aos seus rendimentos, recrutar amantes a quem concedem privilégios. As mulheres mais susceptíveis de serem corrompidas, disputam-se entre si os homens que mais favorecem materiais lhes oferecem.

A luta contra a prostituição profissional ainda não terminou. Numerosas prostitutas apenas transferiram as suas zonas de acção, fugindo das grandes cidades onde a vigilância era maior para pequenos centros ou abandonando as suas zonas tradicionais de acção em favor de bairros residenciais, onde continuam a exercer a sua triste e degradante profissão.

mulheres e homens devem nas estruturas do Partido, nas estruturas das Organizações Democráticas de Massas, empenhar-se no combate para derrubar a velha sociedade e as suas concepções e valores

— militar, unidades do Destacamento Feminino deverão operar nas fábricas, nas aldeias comunais, nos transportes, nas empresas agrícolas, nos hospitais, nas escolas, nas faculdades, nas povoações, nos bairros comunais com a missão de:

— participar na organiza-